

Tem Alguém Aí?



Marian Keyes

Autora do Sucesso

Melancia



BB
BERTRAND BRASIL

Tem Alguém Ai?



Marian Keyes



MELANCIA

FÉRIAS!

SUSHI

Casório?!

É Agora... ou Nunca

LOS ANGELES

**Um Bestseller
pra chamar de meu**

Tem Alguém Lá?

Tem Alguém Lá?



*Marian
Keyes*

Tradução
RENATO MOTTA

B
BERTRAND BRASIL

PRÓLOGO

Não havia remetente no envelope, o que era meio estranho. A essa altura eu já estava ligeiramente cabreira. Ainda mais quando vi meu nome e endereço...

Uma mulher sensata não abriria aquilo. Uma mulher sensata jogaria o envelope na lata de lixo e iria embora. O problema é que, com exceção de um curto período entre os vinte e nove e os trinta anos, quando é que eu tinha sido sensata, em toda a minha vida?

Então eu o abri.

Era um cartão, uma aquarela com a imagem de um vaso de flores, que me pareceram ligeiramente murchas. O envelope era fino, de modo que pude perceber que havia algo mais ali dentro. Dinheiro, talvez?, pensei. Um cheque? Mas eu estava apenas sendo sarcástica. Tudo bem, mesmo sem ter ninguém ali para me ouvir, eu falava comigo mesma, mentalmente.

E, de fato, havia algo ali dentro: uma fotografia... Por que será que alguém havia me mandado aquilo? Eu já tinha um monte de fotos parecidas com aquela. Então percebi que estava enganada. Não era ele, longe disso. Subitamente, entendi tudo.

PARTE UM

CAPÍTULO 1

Mamãe abriu a porta da sala de estar e anunciou:

— Bom-dia, Anna, hora dos seus remédios.

Ela tentou entrar marchando a passos rápidos e decididos, como as enfermeiras que conhecia dos seriados de tevê passados em hospitais, mas a sala estava tão entulhada de móveis que, em vez disso, ela precisou forçar a passagem para chegar até mim.

Quando eu chegara à Irlanda, havia oito semanas, não podia subir as escadas porque estava com a rótula deslocada, então meus pais trouxeram a cama para o andar de baixo e a colocaram na Grande Sala da Frente.

Podem ter certeza de que isto era uma grande honra. Sob circunstâncias normais, só nos permitiam entrar naquela sala no Natal. Durante o resto do ano, todas as atividades de lazer da família — assistir a televisão, comer chocolate, implicar uns com os outros — aconteciam na entulhada garagem que fora convertida em aposento e era conhecida pelo grandioso título de Sala de Televisão.

Só que quando a minha cama foi instalada na Grande Sala da Frente, não havia lugar para onde levar os outros móveis — os sofás com franjas e as poltronas também com franjas — e eles acabaram ficando por ali. A sala ficou parecendo uma dessas lojas de móveis que promovem queimas de estoque, espremem milhões de estofados e o cliente tem quase que escalá-los como se fossem imensas rochas que obstruem a passagem para a praia.

— Muito bem, mocinha. — Mamãe consultou um papel onde havia uma tabela com instruções hora a hora de todos os medicamentos receitados: antibióticos, antidepressivos, pílulas para dormir, multivitamínicos de alto impacto, analgésicos potentes que



me deixavam com a agradável sensação de flutuar, além de um membro da família Valium que mamãe havia escondido num local secreto.

Todas essas diferentes caixas e vidrinhos estavam em cima de uma mesinha finamente esculpida. Vários cãezinhos de porcelana indescritivelmente pavorosos haviam sido despejados dali para dar lugar aos remédios, e agora olhavam para mim, do chão, com ar de reprovação. Mamãe começou a vistoriar todos os vidros com atenção, sacudindo-os e entornando comprimidos e cápsulas na mão.

Por consideração a mim, eles haviam instalado a cama de frente para a janela grande que dava para a rua, para que eu pudesse acompanhar a vida que seguia lá fora. Só que isso não era possível: havia uma cortina rendada na frente que era tão irremovível quanto uma parede de aço. Não *fisicamente* irremovível, entendam, apenas socialmente. Nos subúrbios de Dublin, abrir corajosamente as cortinas para dar uma boa olhada na “vida lá fora” é uma gafe social tão grande quanto revestir toda a fachada da casa com tecido xadrez. Além do mais, não existia vida lá fora. Com exceção... Bem, na verdade, através da barreira rendada, eu comecei a notar que quase todos os dias uma velha parava para que seu cachorro fizesse xixi no nosso portão. Às vezes eu achava que o cão, um terrier preto e branco, nem estava com vontade de fazer xixi, mas mesmo assim a mulher insistia com ele.

— Muito bem, mocinha. — Minha mãe nunca me chamara de “mocinha” antes disso tudo acontecer. — Tome isso aqui. — Ela despejou um punhado de comprimidos na minha mão e me deu um copo d’água. Ela andava me tratando muito bem, bem *de verdade*, embora, no fundo, eu suspeitasse que ela estava apenas desempenhando um papel.

— Meu Jesus Cristinho! — exclamou uma voz. Era minha irmã, Helen, que acabara de chegar do trabalho noturno. Ela ficou parada na entrada da sala de estar por alguns instantes, olhou em volta para o mar de franjas que enfeitavam os estofados e me perguntou: — Como é que você aguenta?



Helen é a mais nova de nós cinco e ainda mora com papai e mamãe, embora esteja com vinte e nove anos. *Mas por que razão ela se mudaria dali*, ela sempre pergunta, *se não paga aluguel, tem tevê a cabo e um motorista particular?* (papai). Certamente a comida (ela é a primeira a admitir) é um problemão, mas para tudo se dá um jeito.

— Oi, querida, já voltou? — perguntou mamãe. — Como foi no trabalho?

Depois de várias mudanças de carreira, Helen — eu não estou inventando isso, antes estivesse — se tornara detetive particular. Se bem que isso parece muito mais perigoso e empolgante do que realmente é. Ela quase sempre investiga crimes de colarinho branco e casos “domésticos”, ocasiões em que tem de colher provas de maridos com suas amantes. Eu acharia um trabalho desse tipo muito deprimente, mas ela diz que nada disso a incomoda, pois sempre soube que todos os homens são escória.

Helen passa um tempão espreitando atrás de sebes e arbustos, munida de lentes de longo alcance, em busca de provas fotográficas de adúlteros saindo do ninho de amor. Ela poderia ficar dentro do carro aconchegante e quentinho, se não acabasse dormindo e perdendo o flagrante.

— Mamãe, estou muito estressada — declarou ela. — Alguma chance de eu descolar um Valium?

— Não.

— Minha garganta está me matando. Ferimento de guerra. Vou para a cama.

Helen, por conta do tempão que passa junto de sebes úmidas, vive com dor de garganta.

— Vou lhe servir um sorvete já, já, querida — prometeu mamãe —, mas primeiro me conte, que estou louca para saber: você conseguiu pegar o cara no flagra?

Mamãe adora o trabalho de Helen, talvez mais do que adora o meu, e isso quer dizer muito mesmo (pelo visto eu tenho O Melhor Emprego do Mundo®). De vez em quando, sempre que Helen está de saco cheio ou apavorada com algum caso, mamãe vai trabalhar com



ela. Foi assim no Caso da Mulher Desaparecida, por exemplo. Helen precisava entrar no apartamento da tal mulher para investigar pistas (passagens aéreas para o Rio, etc., vejam que delírio) e mamãe foi junto porque adora ver o interior das casas alheias. Ela diz que é espantoso ver o quanto as casas das pessoas são imundas quando elas não estão à espera de visitas. Isso a deixa muito aliviada e torna mais fácil o dia a dia em seu cafofo nem sempre imaculadamente limpo. No entanto, como a vida de mamãe começou a se parecer, durante algum tempo, com um drama policial, ela se deixou levar pela empolgação, saiu correndo e tentou arrombar a porta do apartamento com o ombro, muito embora — e é preciso que isso fique bem claro — *Helen tivesse a chave*. E mamãe *soubesse* disso. A irmã da desaparecida lhe entregara a chave do apartamento e tudo o que mamãe conseguiu com essa façanha foi uma luxação no ombro.

— A coisa não é como a gente vê na tevê — reclamou ela depois, massageando o local.

Foi então que, no início deste ano, tentaram matar Helen. Maior que o choque de que tal fato pudesse acontecer foi a surpresa por não ter acontecido antes. É claro que não foi exatamente um atentado contra a vida dela. Um desconhecido atirou uma pedra pela janela da sala, na hora da novela. Provavelmente um dos adolescentes da rua tentando expressar seus joviais sentimentos de alienação, mas mesmo assim mamãe correu para o telefone e contou para todo mundo que alguém estava tentando “apavorar” Helen e queria que ela “abandonasse o caso”. Como “o caso” era o de um escritório que contratou Helen para instalar uma câmera oculta e investigar se os funcionários estavam afanando cartuchos de impressora, a versão de mamãe soou pouco plausível. Mas quem era eu para estragar a festa de mamãe? E era exatamente isso que eu estaria fazendo: as duas são as rainhas do dramalhão e realmente acharam que tudo aquilo era muito empolgante. Só papai não viu graça nenhuma, mas só porque teve de varrer os estilhaços de vidro e prender com uma fita adesiva um plástico no lugar da vidraça quebrada, pelo menos até que o vidraceiro resolvesse aparecer, o que levou uns seis meses.



(Eu desconfio que mamãe e Helen vivem num mundo de fantasia no qual, a qualquer momento, alguém vai aparecer do nada e transformar suas vidas em uma série de tevê de sucesso. Na qual, não preciso nem dizer, *ambas* farão o papel delas mesmas.)

— Sim, mamãe, peguei o cara em flagrante. Ding-dong! Agora eu estou morta e vou pra cama. — Só que, em vez disso, ela se estirou em um dos muitos sofás à nossa volta. — Mas o homem me pegou atrás da sebe, tirando fotos dele.

Mamãe colocou a mão na boca, do jeito que as pessoas fazem na tevê quando querem demonstrar preocupação.

— Tudo bem, não se preocupe — disse Helen. — Batemos um papinho e ele pediu meu telefone. Babaca de merda! — acrescentou, com fúria e deboche.

Esse é o lance de Helen: ela é muito bonita. Os homens se apaixonam por ela, mesmo aqueles que ela espiona a pedido das esposas. Apesar de eu ser três anos mais velha, somos quase iguais: baixinhas, cabelos pretos compridos e rostos quase idênticos. Até mamãe nos confunde uma com a outra, vez ou outra, especialmente quando não está de óculos. Só que, ao contrário de mim, Helen possui uma espécie de magia carismática. Ela funciona em uma frequência especial que deixa os homens de queixo caído. Deve usar o mesmo princípio do apito que só os cães ouvem. Quando homens estranhos são apresentados às duas ao mesmo tempo, dá para ver a confusão nos olhos deles. Dá até para *vê-los* pensando: Elas parecem iguais, mas essa tal de Helen parece um deusa, enquanto Anna é absolutamente sem sal... Não que isso sirva de alguma coisa para o homem em questão, seja ele quem for. Helen se gaba de nunca ter se apaixonado por ninguém, e eu acredito nisso. Ela não é dada a sentimentalismos e reclama de tudo e de todos.

Até mesmo de Luke, namorado de Rachel — bem, na verdade ele é noivo agora. Luke é tão moreno, sexy e cheio de testosterona que eu morro de medo de ficar sozinha com ele. Quer dizer, ele é uma pessoa fantástica, adorável, muito, muito adorável, mas só que ele também é muito... másculo. Ele me fascina e ao mesmo tempo me



apavora, se é que isso faz algum sentido. Todo mundo, até mamãe — eu diria que até mesmo *papai* — sente atração sexual por ele. Mas não Helen.

De repente, mamãe me agarrou pelo braço com força — ainda bem que não foi o que estava quebrado — e sussurrou, com a voz cheia de empolgação:

— Olha lá! É a garota alegrinha, Angela Kilfeather. Com a namorada alegrinha dela! Devem ter vindo fazer uma visita!

Angela Kilfeather é a criatura mais exótica que já passou pela nossa rua, de todos os tempos. Quer dizer... Na verdade não é bem assim. A situação da minha família é muito mais dramática, com um monte de casamentos desfeitos, tentativas de suicídio, viciados em drogas e Helen, mas mamãe costuma usar Angela Kilfeather como paradigma de ouro: por piores que suas filhas sejam, pelo menos elas não são lésbicas que dão beijo de língua na porta de casa em um respeitável bairro familiar irlandês.

(Helen uma vez trabalhou com um indiano que traduziu, erroneamente, “gay men” como “rapazes alegrinhos”. A coisa pegou e agora quase todo mundo que eu conheço (inclusive todos os meus amigos gays) se refere a gays em geral como “rapazes alegrinhos”. Usa-se a expressão com o sotaque original indiano. A conclusão lógica é chamar as lésbicas de “garotas alegrinhas” também com sotaque indiano).

Mamãe espiou pela fresta entre a parede e a cortina de renda.

— Não consigo ver direito, me empreste seu binóculo — ordenou a Helen, que os fez surgir da mochila com um floreio de entusiasmo, só que o pegou para uso pessoal. Uma briga curta, porém feroz, se seguiu.

— Ela vai EMBORA — implorou mamãe. — Deixe eu ver.

— Prometa que a senhora vai me dar um Valium e o dom de enxergar longe será todo seu.

Isso foi um dilema para mamãe, mas ela fez a escolha certa.

— Você sabe que eu não posso fazer isso — disse ela, com ar de recato e dignidade. — Sou sua mãe e isso seria uma irresponsabilidade.



— A senhora é quem sabe — reagiu Helen, olhando pelo binóculo e murmurando: — Que chupão, veja só! — E depois: — Caraca! Ding-dong! O que é aquilo?! Elas vão arrancar a amígdala uma da outra com a língua!

Nesse momento mamãe voou em cima de Helen e as duas rolaram no chão pela posse do binóculo como duas crianças. Só pararam ao esbarrar na minha mão, aquela sem algumas das unhas dos dedos, e meu grito agudo de dor restabeleceu o decoro.



Neil Cooper

MARIAN KEYES é a mundialmente famosa autora de sete romances de enorme sucesso. Seu mais recente livro, *Um Bestseller pra Chamar de Meu*, alcançou o primeiro lugar na lista dos mais vendidos do *Sunday Times*, um dos mais importantes jornais do Reino Unido. Ela é também a celebrada autora de *Melancia*, *Férias!*, *Sushi*, *Casório?!*, *É Agora... ou Nunca* e *Los Angeles*, todos publicados pela Bertrand Brasil.

Publicada em 30 idiomas, Marian mora em Dublin com o marido, Tony.